

Editorial

Sobre Ouro e Editores

A publicação de um artigo é parte integrante de qualquer processo de pesquisa. É através da publicação que informações e dados são socializados para os pares, de modo que possam ser debatidos, refutados ou utilizados para outras pesquisas. E esta função de socialização da informação científica é tarefa, também, dos periódicos científicos.

Não são poucos os periódicos existentes atualmente. Somente o portal da Capes conta com mais de 31 mil publicações nacionais e internacionais. No entanto, este número não significa que a tarefa de publicar e manter uma publicação científica seja simples ou fácil. Revistas científicas, como a nossa, precisam manter periodicidade e um corpo de avaliadores e editores comprometidos e dispostos a trabalhar.

Mas, atualmente a tarefa de publicação está mais fácil, dados os avanços da informática. Periódicos que anteriormente ficavam restritos a tiragens e limitados geograficamente, hoje podem ser acessados apenas com um toque de mouse. Teoricamente nos dias de hoje, qualquer pesquisador, desde que domine alguns idiomas, pode acessar qualquer informação pela internet. Dizemos teoricamente porque a realidade é outra.

Na verdade há dois tipos de periódicos: Aqueles de acesso livre (Open Access) e os de acesso restrito. Isso acontece por várias razões, mas a principal é que aqueles que possuem versão digital e impressa têm custos maiores. Disso, decorreria que os custos seriam cobertos pelas assinaturas dos leitores, e também pelo pagamento para submissão, edição e publicação dos artigos. Faria sentido para versões impressas. Mas não parece muito lógico para publicações digitais.

O fato é que a informatização das publicações não resultou em menores custos financeiros para as universidades ou em maior visibilidade e acessibilidade para os artigos. Grandes editoras internacionais – onde são disponibilizados os periódicos de maior impacto e mais citados – cobram, e cobram bem, pela assinatura de “suas” revistas. O custo chegou ao ponto de Universidades como Harvard passarem a incentivar seus pesquisadores a publicarem em revistas de acesso aberto (ver *Jornal da Ciência*, 02/05/2012).

E, a questão não pára por aí. Já em 1999, Pinto e Andrade (*Química Nova*, 22(3) (1999)), criticavam os parâmetros para os índices de citações e o quanto eles podiam ser relativos. Fatores como o número de periódicos por área de conhecimento, número de citações por área de conhecimento, pesquisas de caráter regional menos citadas, mas nem por isso menos relevantes, e, também, artigos com erros conceituais/interpretação que por isso eram mais citados. Além disso, existe a famosa “auto-citação”, ou seja, uma espécie de entropia que faz com que periódicos de uma mesma editora citem apenas eles.

Dessa maneira, não é de se estranhar que as publicações científicas com maior fator de impacto sejam aquelas que pertencem às grandes editoras internacionais, e, em sua maioria, em língua inglesa. Teoricamente um pesquisador “ganha mais” publicando em um periódico de língua estrangeira do que nacional. Mas, na prática, o que deveria valer é a qualidade da pesquisa e a acessibilidade a ela.

É por essas razões, entre outras, que somos solidários e apoiamos a ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos) e estamos publicando a carta que nos foi enviada (cuja leitura recomendamos). E fazemos isso porque assuntos como custos de assinatura, direitos autorais e índices de citações não são “assuntos internos e oficiosos” pertinentes, apenas aos corpos editoriais dos periódicos. Eles fazem parte e influenciam a vida acadêmica dos pesquisadores.

Periódicos científicos são, acima de tudo e primeiramente, veículos de divulgação. E, por serem científicos, sua obrigação primeira é a acessibilidade e não a restrição. Além disso, há de se pensar no “impacto” de uma publicação e no quanto ela pode ser relativa. Sua pesquisa será melhor porque foi publicada em inglês? Seus dados serão melhor discutidos, avaliados e debatidos? O fato de um periódico ser muito citado significa que o seu artigo será mais citado, lido ou debatido?

Bourdieu dizia que as estruturas eram estruturantes e não estruturadas (como afirmava Althusser). Assim, da mesma maneira que podemos citar e ler em inglês ou em qualquer outra língua, também podemos ser lidos e citados em português. Essa é a real relevância de uma pesquisa.

Uma boa leitura para todos.

Valéria Lemos
Editora Gerente